

Crianças, adolescentes e famílias: tendências e preocupações globais

Irene Rizzini

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo

A questão das desigualdades econômicas e sociais constitui um dos mais importantes desafios das sociedades contemporâneas. Neste texto, a autora discute alguns indicadores e tendências globais, que apresentam maior relevância para o caso da população infantil e juvenil, com a intenção de ressaltar aspectos que precisam ser levados em consideração ao se vislumbrar sociedades mais justas e equitativas.

Palavras-chave: crianças, adolescentes, famílias.

Abstract

Children, adolescents and families: tendencies and global preoccupations

Economic and social inequalities represent one of the most important challenges for contemporary societies. In this text, the author discusses some global indicators and trends, there are relevant to the child and youth population, with the intention of highlighting issues that need to be taken into consideration as one visualizes more equitable and fair societies.

Keywords: children, adolescents, families.

Transformações e crise

Há um consenso crescente de que o mundo vem passando por grandes transformações e de uma forma muito acelerada. O século vinte foi um período marcado por avanços extraordinários e profundas contradições, provocando a sensação de que há uma crise que se agrava. Neste sentido, é difícil afirmar se vivemos um momento especialmente crítico em relação a outros períodos da história da humanidade. Aparentemente nossos ancestrais também enfrentaram uma sensação similar de confusão, medo e caos quando confrontados com mudanças rápidas de ordem política, econômica e social. Foram ocasiões que demandaram profunda reorganização dos estilos de vida para adaptação a uma nova realidade. A exemplo, podemos citar diversos discursos registrados na passagem do século XIX para o XX, que demonstram o mesmo tipo de perplexidade e preocupação que experimentamos hoje em relação ao crescimento desenfreado das cidades e da população urbana. Como hoje, a escalada da violência e o aumento da criminalidade eram frequentemente mencionados como problemas prementes a serem enfrentados.

Na virada para o século vinte, diversos pensadores refletiam sobre o chamado *fenômeno urbano* e suas consequências. Citamos aqui o sociólogo alemão Simmel (1902, citado em Rizzini, 1997, p. 41) que publicou uma série de artigos, nos quais analisava o que ele denominou “*o estilo de vida metropolitano*”. Esse novo estilo de vida, em voga na época,

rapidamente influenciou os hábitos dos indivíduos antes acostumados ao meio rural e tornou-se símbolo do progresso e da modernidade. Isto não aconteceu, é claro, sem uma certa dose de confusão. De acordo com Simmel, a velocidade e a descontinuidade de imagens e impressões da vida urbana, acrescidas da complexidade e diversidade da vida social e econômica, geravam um contraponto ao estilo de vida rural em vilarejos e cidades pequenas. Em consequência às novas condições psicológicas, criadas pelas metrópoles, emerge um novo tipo de homem, o homem metropolitano, centrado em sua individualidade e governado pelo “*caráter sofisticado da psique metropolitana*”.

A mudança dramática do meio rural para o urbano, bem como todo o desenvolvimento tecnológico que caracterizou o século XX, vem afetando os indivíduos, em todas as partes do globo, com grande impacto na estrutura e organização da família e da comunidade. Este impacto parece ser ainda mais dramático no presente. O que provocaria esta sensação de que vivemos uma crise que está se agravando? Sem a intenção de pretender dar uma resposta completa a esta questão, discutiremos alguns dos indicadores e tendências globais que apresentam maior relevância para o caso da população infantil e juvenil e suas famílias. Focalizaremos um aspecto que constitui um dos maiores desafios que o mundo enfrenta no terceiro milênio, isto é, tratar de diminuir as desigualdades econômicas e sociais, visando a sociedades mais

justas e equitativas, e ampliando as oportunidades de desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo.

Apesar dos esforços de organizações internacionais como o Banco Mundial e o UNICEF para demonstrar os avanços alcançados pelos países em desenvolvimento na melhoria dos seus indicadores sociais, a realidade brutal é que “... atualmente mais de 1,3 bilhão de pessoas nos países desenvolvidos ainda lutam para sobreviver com menos de um dólar por dia” (The World Bank, 1997, p. 17). Os contrastes são imensos nas diferentes partes do mundo, o que reflete a coexistência de universos completamente distintos. Por exemplo: “a expectativa de vida na África sub-Saariana é de 50 anos, no Japão é praticamente 80. A mortalidade infantil entre crianças com menos de 5 anos no Sul da Ásia ultrapassa 170 mortes por cada 1.000 nascimentos enquanto na Suécia é menos de 10. Mais de 110 milhões de crianças nos países em desenvolvimento não têm acesso à educação primária, nos países industrializados, por sua vez, qualquer padrão abaixo do acesso universal à escola seria considerado inaceitável” (The World Bank, 1990, p. 1).

Não há uma correlação simples entre pobreza, sofrimento e adversidade. No entanto, é possível afirmar que aqueles que vivem em condições de maior privação são mais propícios a sofrerem, pois encontram-se em situação de maior vulnerabilidade. Esta premissa é particularmente verdadeira no caso de mulheres e crianças, já que, como se sabe, em lares pobres a mulher trabalha um número maior de horas do que o homem e recebe salários menores. As crianças, em especial as meninas, sofrem desproporcionalmente. Elas têm seu futuro comprometido ao serem submetidas a cargas pesadas de trabalho, o que está relacionado com a má nutrição e com a falta de acesso à saúde e à educação. As meninas são, em geral, responsáveis pelo serviço da casa e pelo cuidado dos irmãos enquanto os pais trabalham. Na maioria dos países, isto não é considerado ‘trabalho’ (UNICEF, 1992, 1998; Salazar e Glasinovich, 1998; Rizzini e Fonseca, 2002).

Impacto sobre a vida familiar e comunitária

As complexas e rápidas transformações políticas, econômicas e sociais, ocorridas nas últimas décadas, coincidem com mudanças significativas na dinâmica da vida familiar. Indicadores globais destas mudanças têm mostrado que a família de hoje é bem diferente de anos atrás; não segue os mesmos valores e busca outros referenciais no âmbito das relações familiares.

Algumas das mudanças que vêm sendo apontadas em grande parte do mundo são: as famílias apresentam-se cada vez menores; elas são chefiadas

por mulheres em percentuais que aumentam de forma rápida; mais mulheres entram no mercado de trabalho, e as famílias necessitam de inúmeros arranjos para a criação de seus filhos; crescem as distâncias entre a casa e o trabalho nas grandes cidades, o que leva a que crianças permaneçam mais tempo sem a presença dos pais; a dinâmica dos papéis parentais e de gênero estão se modificando em diversas culturas¹.

Um outro ponto a destacar, sobre o que nos parece fundamental refletir é que, talvez em nenhuma outra época a família tenha estado tão só. Sendo a família urbana moderna composta por poucos membros e caracterizada por alta mobilidade, ela nem sempre tem com quem contar para mediar seus conflitos e para compartilhar a criação dos filhos. No entanto, há algo que, em essência não mudou: a família se transforma, mas o ser humano continua a depositar nela a base de sua segurança. Apesar das mudanças rápidas e profundas que vêm afetando a vida familiar, o fato é que o desenvolvimento de uma criança em seus primeiros anos de vida não sofreu mudanças significativas. Como afirma Bronfenbrenner, respeitado teórico da área da psicologia evolutiva, em todas as partes do mundo, a criança conta com a família para o seu desenvolvimento físico, mental, social, moral e espiritual (Rizzini, Barker e Cassaniga, 2000).

Estes dados apontam para uma multiplicidade de análises sobre a dinâmica das relações afetivas no âmbito da família e seu impacto nas sociedades contemporâneas. Neste texto, optamos por ressaltar a importância de buscarmos alternativas que efetivamente funcionem como apoio à família em seu papel junto aos filhos. Falamos de apoio à família e não de uma intervenção assistencialista e paternalista, tal qual vigorou em boa parte do século XX, reforçando as estruturas hierárquicas de poder que enfraqueceram os pais perante os filhos, sobretudo junto à população pobre. Mas o apoio calcado na potencialização de seus papéis, fortalecendo os elos familiares e as possíveis redes sociais de apoio que possam contribuir para a formação, criação e educação de seus filhos.

Referências

- Rizzini, I & Fonseca, C. (2002). *As meninas e o universo do trabalho doméstico no Brasil aspectos históricos, culturais e tendências atuais*. Brasília: Organização Internacional do Trabalho.
- Rizzini, I. (1997). *O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUSU/ AMAIS.
- Rizzini, I. Urban children and families in distress: global trends and concerns (2001). Em A. Smith e cols. (Orgs.). *Advocating for children. International perspectives on children's rights*.

- Dunedin, New Zealand: Children's Issues Centre at the University of Otago. (p. 176-190).
- Rizzini, I., Barker, G. & Cassaniga (2000). *Criança não é risco, é oportunidade: fortalecendo as bases de apoio familiares e comunitárias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária/CESPI/USU/Instituto Promundo.
- Salazar, C. M. & Glasinovich, W. A. (1998). *Child work and education. Five case studies from Latin America*. Hants/UK: UNICEF, Ashgate.
- The World Bank (1990). *World development indicators*. Overview World Development Report. Poverty. Washington D.C.
- The World Bank (1997). *Advancing sustainable development*. The World Bank and Agenda 21 since the Rio Earth Summit. Combating poverty. Chapter 3 of Agenda 21. Washington D.C.
- UNICEF (1992). *Educating girls and women. A moral imperative*. New York: UNICEF.
- UNICEF (1998). *Education for all? The Monee Project*. Regional Monitoring Report, n. 5.

Recebido: 04/04/2002

Revisado: 01/06/2002

Aceito: 06/06/2002

Nota:

¹ É importante acrescentar que não estamos aqui atribuindo valor a essas transformações como negativas, numa perspectiva nostálgica. No momento apenas constatamos mudanças importantes nessa esfera.

Sobre a autora

Irene Rizzini: Coordenadora da CESPI/USU (Coordenação de Estudos e Pesquisas sobre a Infância, da Universidade Santa Úrsula; Professora da PUC-RJ e Vice-Presidente da Rede Internacional de Pesquisa sobre a Infância: Childwatch International Research Network, Oslo, Noruega.